

ARTIGO ORIGINAL

Características socioeconômicas e psicossociais do pai adolescente.**Juliana Matos Schelemberg¹, Leila Denise Cesário Pereira², Nelson Grisard³, Ana Luiza Curi Hallal⁴****Resumo**

Objetivos: Descrever as principais características socioeconômicas e psicossociais dos pais adolescentes e verificar sua associação com a idade paterna.

Método: Estudo observacional transversal, realizado a partir de dados coletados no período de 01 de agosto a 31 de dezembro de 2002, obtidos de mães adolescentes e não adolescentes, através de entrevista padronizada. Para atender aos objetivos deste estudo, a amostra foi redistribuída em dois grupos, conforme a idade paterna (< 20 anos e e" a 20 anos), com a finalidade de estudar a relação entre esta e as variáveis de interesse. Para a análise dos dados foi utilizado o teste estatístico qui-quadrado ou o teste de Fisher, quando indicado, sendo admitida significância estatística quando $p < 0,05$.

Resultados: Foram estudados 80 pais adolescentes (11,6%) e 610 não adolescentes (88,4%), cujas médias de idade foram 18,2 ($\pm 1,0$) e 27,6 ($\pm 5,7$) anos, respectivamente. Entre pais adolescentes e não adolescentes as prevalências de trabalho remunerado foram de 82,5% e 92,4% ($p=0,005$); de renda menor ou igual a 3 salários mínimos, de 70,0% e 55,7% ($p < 0,001$); de escolaridade menor que 8 anos, de 51,3% e 36,6% ($p=0,018$); de chefia da família exercida pelo pai da criança, de 40,0% e 78,2% ($p < 0,001$); de abandono

escolar, de 66,2% e 58,9% ($p=0,260$); de reação negativa à notícia da gestação, de 20,3% e 18,0% ($p=0,730$); de dar pouco ou nenhum apoio à gestação, de 7,6% e 7,7% ($p=0,840$), respectivamente.

Conclusões: Na amostra estudada, os pais adolescentes apresentaram características socioeconômicas desfavoráveis quando comparados aos não adolescentes. Entretanto, ao comparar-se os aspectos psicossociais, não houve diferença estatisticamente significativa.

- Descritores:** 1. Adolescência;
2. Paternidade;
3. Pais adolescentes;
4. Comportamento do adolescente;
5. Condição social.

Abstract

Objectives: To describe the main social-economic and psychosocial characteristics of teenage fathers and verify their association with paternal age.

Methods: Transversal observational study, carried out based on data gathered during the period of August 1 and December 31, 2002, obtained from teenage and non-teenage mothers by means of a standardized interview. In order to meet the objectives of this study the sample was re-distributed into two groups, according to paternal age (< 20 and older e" to age 20), with the purpose of studying the relationship between this and the variables of interest. The qui-square or the Fisher test was used, when indicated, with an admitted statistical significance when $p < 0.05$.

¹ Pediatra e R3 de Neonatologia do Hospital Infantil Joana de Gusmão de Florianópolis – SC.

² Mestre em ciências Médicas pela Universidade Federal de Santa Catarina, neonatologista da Maternidade Carmela Dutra.

³ Livre-docente Doutor em Ciências pela Universidade Federal de Santa Catarina.

⁴ Mestre em Saúde Pública, concentração em Epidemiologia pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, epidemiologista da Maternidade Carmela Dutra.

Results: Eighty teenage fathers (11.6%) and 610 non-teenage fathers (88.4%) were studied, the mean ages of whom were 18.2 (\pm 1.0) and 27.6 (\pm 5.7) years, respectively. Among teenage and non-teenage fathers the prevalences of paid work were 82.5% and 92.4% ($p=0.005$); of income lower than or equal to 3 minimum wages 70.0% and 55.7% ($p<0.001$); of school level lower than 8 years 51.3% and 36.6% ($p=0.018$); of the child's father being the head of the family 40.0% and 78.2% ($p<0.001$); of school drop-outs 66.2% and 58.9% ($p=0.260$); of negative reaction to the news of pregnancy 20.3% and 18.0% ($p=0.730$); of providing little or no support to pregnancy 7.6% e 7.7% ($p=0.840$), respectively.

Conclusions: In the sample studied, teenage fathers presented unfavorable social-economic characteristics when compared to non-teenage fathers. Nevertheless, when comparing psychosocial aspects, no statistically significant difference was found.

Key-words: 1. Adolescence;
2. Paternity;
3. Teen fathers;
4. Adolescent behavior;
5. Social status

Introdução

No Brasil e no mundo ocorre um aumento da prevalência da gestação na adolescência, com tendência a incrementos maiores nas idades maternas mais baixas¹.

Os fatores que influenciam o aumento da gestação na adolescência são: a iniciação sexual precoce², o crescimento da proporção da adolescência na pirâmide populacional, o relaxamento no controle da atividade sexual, o desconhecimento sobre contracepção, a diminuição da idade do aparecimento da menarca³, o menor controle da família e da escola (maior liberdade dos jovens), a influência da sociedade e dos meios de comunicação, a pressão do grupo e a desagregação familiar¹.

Considerando que a gestação na adolescência tem repercussões biológicas, psicológicas e sociais, tanto para os pais quanto para a criança, têm-se estudado muito a respeito do tema. Entretanto, a maioria dos estudos focaliza somente a mãe e seu filho, havendo pouco conhecimento sobre o pai adolescente e seu envolvimento

na gestação. Há poucos estudos comparando pais adolescentes e não adolescentes⁴⁻⁸.

O percentual de pais adolescentes é inferior ao de mães adolescentes⁹⁻¹¹, variando, na literatura consultada, de 3 a 17,1%^{10,12-14}. Nos Estados Unidos da América (EUA), em 1984, apenas 3% dos nascimentos foram de pais adolescentes, enquanto 13% foram de mães adolescentes¹². Dearden et al¹³, estudando homens nascidos na Grã-Bretanha, em 1958, encontraram um percentual de 3,5% de pais adolescentes. Hardy e Duggan¹², analisando todos os nascimentos ocorridos na cidade de Baltimore, EUA, em 1983, observaram que 13,7% dos pais eram adolescentes. Fagot et al¹⁴, em estudo de coorte realizado em Oregon, EUA, entre 1983 e 1985, constataram um índice de pais adolescentes de 17,1%. Landry e Forrest¹⁰, entrevistando mães que deram à luz no ano de 1988, nos EUA, encontraram taxa de 5% de pais adolescentes. Spingarn et al¹⁵, estudando estudantes de Massachussets, EUA, em 1993, verificaram que 13,2% dos pais eram adolescentes. Trinta a 50% das gestações na adolescência envolvem pais também adolescentes^{9,10,12,16}.

Entre os fatores de risco para tornar-se pai na adolescência estão: ser filho de mãe adolescente, ser filho de pais separados, iniciação sexual precoce, abandono escolar e história de problemas comportamentais¹⁷.

A literatura mostra que pais adolescentes têm o mesmo perfil das mães adolescentes: baixo rendimento escolar, altas taxas de abandono escolar, baixas condições econômicas e baixas perspectivas de realização profissional e financeira^{4,9,18}.

Quando comparados aos não adolescentes, os pais adolescentes mostram-se prejudicados em escolaridade, futuro profissional e remuneração^{5,8,10,12-14,17-20}. Sabe-se também que eles têm maior chance de ser solteiros, de usar drogas ilícitas, de ingerir bebidas alcoólicas, de ser tabagistas, de ser promíscuos, de ter DST, de usar anabolizantes, de expor-se a situações de risco (dirigir alcoolizado, andar em veículos nos quais o motorista está alcoolizado, fazer parte de gangues/brigas, portar armas), de ser agressivos e indisciplinados, de ter depressão e baixa auto-estima^{7,8,13,15,17-19}. Estudos mostram associação entre delinqüência e paternidade na adolescência, sendo que esta situação tende a repetir-se na próxima geração^{20,21}.

Os pais adolescentes preocupam-se com o desemprego, com a possibilidade de não poder conviver com a criança e com o surgimento de conflitos com a parceira^{11,16,19}. Aceitam bem a gestação da companheira

e desejam ajudar na educação da criança¹¹. Entretanto, expectativas não realistas e a inabilidade de conciliar as características da adolescência com as responsabilidades da nova condição aumentam a probabilidade de insucesso da paternidade⁷. Pais adolescentes dão menos apoio financeiro e afetivo à parceira e à criança quando comparados com os não adolescentes^{17,22}. Quarenta por cento dos filhos de mães adolescentes não têm contato com os pais até os 2 anos de idade e possuem maior risco de apresentar problemas de saúde¹⁴.

Sabe-se que programas educacionais melhoram as expectativas dos pais adolescentes relativas a emprego, planejamento vocacional, relação com o filho, uso de métodos anticoncepcionais e perspectiva para o futuro²³. Para que tais programas sejam desenvolvidos são necessários um maior número de estudos, a fim de melhorar o entendimento a respeito do papel dos pais adolescentes no processo reprodutivo, assim como as consequências deste processo para eles próprios, suas parceiras e seus filhos¹⁸.

O objetivo deste estudo é descrever as principais características socioeconômicas e psicossociais dos pais adolescentes e verificar sua associação com a idade paterna.

Método

Casuística

Estudo observacional transversal, realizado na Maternidade Carmela Dutra, em Florianópolis, com base em dados coletados no período de 01 de agosto a 31 de dezembro de 2002, a partir de entrevistas com mães adolescentes e não adolescentes de 25 a 29 anos.

Para atender aos objetivos deste estudo a amostra foi redistribuída em dois grupos, conforme a idade paterna (menor de 20 anos e maior ou igual a 20 anos), com a finalidade de estudar a relação entre esta e as variáveis de interesse.

Para definição de adolescência, foi utilizado o critério da Organização Mundial da Saúde (OMS, 1975), que considera o período que se estende dos 10 anos de idade até os 19 anos, 11 meses e 29 dias.

Variáveis estudadas

Demográficas: idade paterna, em anos.

Socioeconômicas: trabalho paterno remunerado, renda paterna no último mês, chefia da família e escolaridade paterna.

Em relação ao trabalho paterno, considerou-se apenas

se o possuía ou não, devendo este ser remunerado. A renda paterna do mês anterior ao parto foi obtida em reais e convertida ao valor do salário mínimo (SM) vigente em 31 de dezembro de 2002 (R\$ 200,00 ou US\$ 56). Para análise estatística, cada grupo foi dividido em dois subgrupos, um com renda inferior ou igual a 3 SM, considerado de baixa renda, e outro cuja renda era superior a 3 SM. Denominou-se chefe da família à pessoa com maior renda mensal residente na mesma casa em que a gestante. Para avaliar a escolaridade, foi utilizado o número de anos completos de estudo, sem incluir as repetências; posteriormente foram agrupados, para análise, em menos de 8 anos, considerado baixo nível de escolaridade, e de 8 anos ou mais.

Psicossociais: reação paterna à notícia da gestação, apoio paterno à gestação, abandono escolar e motivo do abandono escolar.

Foi considerada “reação positiva” à notícia da gestação quando a mãe respondeu que o pai ficou “contente”, e “reação negativa” quando a resposta foi “indiferente” ou “não gostou”. Para análise estatística do apoio paterno à gestação cada grupo foi dividido em dois subgrupos: um cujas respostas foram “muito” ou “mais ou menos”, e outro cujas respostas foram “pouco” ou “nenhum”. Foi considerado abandono escolar quando o estudo foi interrompido antes de completado o Ensino Médio. Foram relacionados os três motivos mais frequentes de abandono escolar, sendo os demais reunidos na opção “outros”.

Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada de modo padronizado, a partir de entrevistas com as puérperas antes da alta da maternidade. O questionário utilizado nas entrevistas, composto por questões abertas e fechadas, foi elaborado com base no questionário perinatal do Centro de Pesquisas Epidemiológicas da Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, utilizado em um estudo materno-infantil, em 1993, com algumas adaptações. As variáveis de interesse foram extraídas deste questionário e analisadas.

As entrevistas foram realizadas por cinco pediatras previamente treinados, respeitando o descanso materno, os horários de amamentação, de refeições e de visitas.

Diariamente as entrevistas eram revisadas, para que eventuais informações incompletas pudessem ser resgatadas ainda antes da alta materna.

Análise dos resultados

Os dados foram digitados no programa computacional *Epi-Info* 6.0.

Para a análise dos dados utilizou-se média, desvio padrão, frequências absolutas e relativas, prevalências da exposição e dos desfechos de interesse, e razão de prevalência.

Para verificar associação entre as variáveis foi utilizado o teste do qui-quadrado ou o teste de Fischer, quando indicado, sendo admitida significância estatística quando $p < 0,05$.

Considerações éticas

As mães eram previamente informadas e esclarecidas sobre a natureza do estudo, podendo optar livremente por dele participarem ou não. Havendo aceitação, esta era formalizada através de sua assinatura no consentimento livre e esclarecido, bem como de seus representantes legais, para aquelas com idade inferior a 18 anos.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina.

Resultados

Foram estudados 690 pais, sendo 80 adolescentes (11,6%) e 610 não adolescentes (88,4%). A idade dos adolescentes variou de 15 a 19 anos, com média de 18,2 ($\pm 1,0$) anos. A idade dos adultos variou de 20 a 65 anos, com média de 27,6 ($\pm 5,7$) anos.

A tabela 1 apresenta a relação entre as variáveis socioeconômicas e idade paterna.

Verificou-se que 82,5% dos adolescentes possuíam trabalho remunerado, enquanto entre os não adolescentes esta proporção era de 92,4% (RP= 0,39, IC 95% 0,19-0,78; $p = 0,005$). Houve associação estatisticamente significativa entre ser pai na adolescência e não possuir trabalho remunerado.

A renda mensal média dos pais adolescentes foi de R\$ 383,4 ($\pm 193,2$) e dos não adolescentes de R\$ 863,8 ($\pm 1090,5$). Possuíam renda inferior ou igual a 3 SM 56 pais adolescentes (70,0%) e 304 não adolescentes (55,7%) (RP= 8,92, IC 95% 3,3-25,9; $p < 0,001$). Verificou-se associação estatisticamente significativa entre ser pai na adolescência e possuir baixa renda mensal.

No que se refere à chefia da família, os adolescentes eram, com menor frequência, chefes de família (40,0%), quando comparados aos adultos (78,2%), sendo esta diferença estatisticamente significativa (RP= 0,19, IC 95% 0,11-0,31; $p < 0,001$).

Com relação à escolaridade paterna, a média, em anos, foi de 7,5 ($\pm 2,2$) entre os adolescentes e de 8,2 ($\pm 2,8$) entre os adultos. O percentual de adolescentes que não completou o Ensino Fundamental foi superior (51,3%) ao de não adolescentes (36,6%) (RP= 1,83, IC 95% 1,10-3,05; $p = 0,018$). Observou-se associação estatisticamente significativa entre ser pai na adolescência e ter baixa escolaridade.

O Gráfico 1 mostra a distribuição dos pais por anos de escolaridade.

A tabela 2 apresenta a relação entre as variáveis psicossociais e idade paterna.

A taxa de abandono escolar foi de 66,2% entre os adolescentes e de 58,9% entre os adultos (RP= 1,37, IC 95% 0,80-2,34; $p = 0,260$). Não houve associação estatisticamente significativa entre ser pai na adolescência e abandono escolar. O principal motivo do abandono foi “para trabalhar”, tanto entre os adolescentes (65,9%) quanto entre os adultos (65,3%).

A reação paterna à notícia da gestação foi negativa em 20,3% dos adolescentes e em 18,0% dos adultos (RP=1,16, IC 95% 0,60-2,17; $p = 0,730$). Esta diferença não foi estatisticamente significativa.

Em relação ao apoio paterno à gestação, 7,6% dos adolescentes deram pouco ou nenhum apoio à gestação, proporção similar à dos adultos, que foi de 7,7% (RP= 0,98 IC 95% 0,36-2,53; $p = 0,84$). Não se constatou associação estatisticamente significativa entre ser pai adolescente e dar pouco ou nenhum apoio à gestação.

Discussão

Inúmeros estudos sobre maternidade na adolescência mostram que as mães adolescentes possuem características próprias, que as diferenciam das mães adultas.

A paternidade na adolescência, talvez por tratar-se de situação menos freqüente, tem merecido pouca atenção dos pesquisadores. O papel e a importância do pai adolescente para o desenvolvimento saudável da criança, bem como do contexto no qual ele está inserido, têm sido negligenciados.

Este estudo descreve algumas características socioeconômicas e psicossociais de pais adolescentes e não adolescentes, cujos filhos nasceram no período de agosto a dezembro de 2002 na Maternidade Carmela Dutra, de Florianópolis, um centro de referência para o atendimento materno-infantil em Santa Catarina, com média mensal de 360 nascimentos²⁴.

O trabalho remunerado pode contribuir para a ascensão social, o aumento da auto-estima e a realização pessoal. Embora possuir trabalho não pressuponha independência econômica, a soma da remuneração paterna com a dos demais familiares pode ser fundamental para atender às necessidades básicas da família e da criança. Em estudo realizado no Rio de Janeiro, Cabral¹⁹ afirma que poucos pais adolescentes possuem trabalho remunerado. No presente estudo, a chance de possuir trabalho remunerado foi 61% menor para os pais adolescentes.

A associação entre renda e saúde é muito nítida, tanto no aspecto individual quanto no coletivo. As famílias com menor renda possuem, em geral, baixo nível de escolaridade, o que pode representar riscos apreciáveis para a saúde^{25,26}. Estudos mostram que pais adolescentes possuem rendas menores quando comparados aos adultos^{4,10,14}. Landry e Forrest¹⁰, em 1988, nos EUA, demonstraram que pais que tinham maiores rendas possuíam maior idade. Fagot et al¹⁴, também nos EUA, entre 1983 e 1985, constataram que pais adolescentes têm menores rendas e pertencem a classes sociais mais baixas, sendo este um dos fatores de risco mais significativos para a paternidade na adolescência. Segundo publicação do Comitê de Adolescência da Academia Americana de Pediatria (AAP), de 1998, os pais adolescentes têm recursos financeiros limitados, menor renda mensal e maior probabilidade de viver na pobreza, situação que tende a se repetir na próxima geração⁴. O presente estudo também confirmou estes achados, mostrando que a renda mensal média era 2,2 vezes maior entre os pais adultos, e o risco de possuir renda mensal menor ou igual a 3 SM foi 8,92 vezes maior para os pais adolescentes. A obtenção do valor da renda paterna através de entrevista realizada com as mães pode haver comprometido a precisão da informação. O ideal teria sido consultar contra-cheque ou outro comprovante de renda, não disponíveis no momento da entrevista.

Em artigo de revisão do Comitê de Adolescência da AAP, publicado em 2001, foi citado um estudo que mostrou que 64% dos pais adolescentes co-habitam com a própria família ou parente próximo, fato que, na maioria das vezes, reflete baixo nível socioeconômico⁹. Este estudo constatou que a chance de ser chefe de família foi 81% menor para os pais adolescentes. Isto pode significar dependência econômica e/ou psicossocial de muitos pais adolescentes com relação a suas famílias de origem.

Várias investigações têm demonstrado que pais adolescentes possuem baixa escolaridade quando

comparados aos adultos^{8,9,11-14,17-19}. Segundo publicação do Comitê de Adolescência da AAP, de 1998, os pais adolescentes apresentam baixa escolaridade, sendo, neste ponto, similares às mães adolescentes⁹. Fagot et al¹⁴ constataram que o baixo desempenho escolar está presente entre os jovens pais não só como consequência, mas também como causa da paternidade na adolescência, sendo um dos fatores de risco mais significativos¹⁴. O baixo nível de escolaridade e o baixo nível socioeconômico são fatores que determinam o início precoce das relações sexuais e a falha no uso de métodos contraceptivos²⁷. O presente estudo mostrou que o risco de possuir baixa escolaridade foi 83% maior para os pais adolescentes.

Sabe-se que pais adolescentes abandonam a escola com maior frequência quando comparados aos não adolescentes^{4,13,19}. Segundo o Comitê de Adolescência da AAP, os pais adolescentes são similares às mães adolescentes também neste aspecto, apresentando altos índices de abandono escolar⁴. Um estudo brasileiro, publicado em 2003 constatou que a maioria dos adolescentes abandona a escola para trabalhar¹⁹. Neste estudo, embora o risco de abandono escolar tenha sido 37% maior para os pais adolescentes, este resultado não foi estatisticamente significativo. Assim como verificado na literatura, o principal motivo de abandono escolar foi “para trabalhar”, tanto entre os pais adolescentes quanto entre os adultos.

Não foram encontrados, na literatura, estudos mostrando diferenças quanto à reação à notícia da gestação entre pais adolescentes e não adolescentes. Este estudo constatou que o risco de reagir mal à notícia da gestação foi 16% maior para os pais adolescentes, não havendo diferença estatisticamente significativa entre os grupos.

Alguns estudos mostram que pais adolescentes dão menos apoio à gestação quando comparados aos adultos^{14,17,22,28}. Rhein et al²⁸ demonstraram que o envolvimento e interesse pela gestação são menores entre os pais adolescentes devido à insegurança financeira e à falta de conhecimento a respeito do cuidado com crianças. Já Gilkman¹¹, entrevistando 25 pais adolescentes, concluiu que estes davam apoio à gestação e pretendiam ajudar na educação da criança, não somente do ponto de vista financeiro. Segundo artigo de revisão do Comitê de Adolescência da AAP, de 2001, o apoio do pai à gestação associa-se a um maior risco de a mãe não completar a escola, porém, diminui o estresse e a depressão da mãe adolescente⁹. O presente estudo constatou que o risco de

não apoiar ou apoiar pouco a gestação foi apenas 1% menor entre os pais adolescentes.

Uma das limitações deste estudo foi a coleta de dados haver sido efetuada através de entrevistas com as mães, considerando-se verdadeiros o ponto de vista e a informação materna, que podem, não necessariamente, refletir a opinião paterna, ocasionando algumas distorções.

Conclui-se que pais adolescentes, com maior frequência, não possuem trabalho remunerado, têm baixa renda mensal, não exercem a chefia da família e têm baixa escolaridade, quando comparados a pais adultos. As variáveis psicossociais estudadas não evidenciaram diferenças entre os dois grupos.

Referências bibliográficas:

1. Coates V, Françoso L, Bezenos GW. Medicina do adolescente. São Paulo: Sarvier;1993.
2. Lima CTB, Feliciano KLO, Carvalho MFS, et al. Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. Rev Bras Saúde Matern Infantil 2004; 4:71-83.
3. Alves Fº N, Correa MD. Manual de Perinatologia. Rio de Janeiro:Medsi;1990.
4. American Academy of Pediatrics - Committee on Adolescence. Adolescent pregnancy- current trends and issues:1998. Pediatrics 1999; 103:516-20.
5. Costa CFF. Primiparidade precoce na maternidade Prof. Monteiro de Moraes: 1977-1979. Aspectos obstétricos e neonatológicos (tese). Recife: Faculdades de Ciências Médicas de Pernambuco; 1980. In: Alves Fº N, Correa MD. Manual de Perinatologia. Rio de Janeiro: Medsi, 1990.
6. Vitalle MSS, Amâncio OMS. Gestação na adolescência. Brazilian Pediatric News [revista eletrônica]. 2001 Sep; 3(3): [aproximadamente 5p.]. Disponível em: <http://www.brazilianpednews.org.br/set2001/bnpar101.htm>.
7. Jones M. What is the influence of self-image and perceived, parenting role expectations on adolescent fathers perceived role performance? J Pediatr Adolesc Gynecol 2000;13:99.
8. Joshi NP, Battle SF. Adolescent fathers: an approach for intervention. J Health Soc Policy 1990;1:17-33.
9. American Academy of Pediatrics Committee on Adolescence and Committee on Early Childhood, adoption and dependent care. Care of adolescent parents and their children. Pediatrics 2001;107:429-33.
10. Landry DJ, Forrest JD. How old are US fathers. Family Planning Perspectives 1995;27:159-61
11. Gilkman H. Low-income young fathers: contexts, connections and self social work. 2004;49(2):195-205.
12. Hardy JB, Duggan AK. Teenage fathers and the fathers of infants of urban, teenage mothers. American Journal of Public Health 1998;78:919-22.
13. Dearden KA, Hale CB, Wooley T. The antecedents of teen fatherhood: a retrospective case-control study of great britain youth. Am J Public Health 1995;85:551-54.
14. Fagot BI, Pears KC, Capaldi DM, Crosby L, Leve CS. Becoming and adolescent fathers precursors and parenting developmental. Psychology 1998;34:1209-19.
15. Spingarn RW, DuRant RH. Male adolescents involved in pregnancy: associated health risk and problem behaviors. Pediatrics 1996;98:262-68.
16. Roye CF, Balk SJ. The relationship of partner support to outcome for teenage mother and their children: a review. Journal of Adolescent Health 1996;19:86-93.
17. Jaffee SR, Caspi A, Moffitt TE. Predicting early fatherhood and whether young fathers live with their children: prospective findings and policy reconsiderations. J Child Psychol Psychiat 2001;42:803-15.
18. Heath DT, McKenry PC, Leigh GK. The consequences of adolescent parenthood on men's depression, parental satisfaction and fertility in adulthood. J Soc Serv Res 1995;20:127-48.
19. Cabral CS. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. Cd Saúde Pública 2003;19:283-92.
20. Capaldi DM, Pears KC, Patterson GR, Owen LD. Continuity of parenting practices across generation in an at-risk sample: a prospective comparison of direct and mediated association. J Abnorm Child Psychol 2003;31:123-25.
21. Wei EH, Loeber R, Stouthamer-Loeber M. How many of the offspring born to teenage fathers are produced by repeated serious delinquents? Crim Behav Ment Health 2002;12:83-98.
22. Rhein LM, et al. Teen father participation in child rearing; family perspectives. Journal of Adolescent

Health 1997;21:244-52.

23. Mazza C. Young dads: the effects of a parenting program on urban african-american adolescent fathers. *Adolescence* 2002;37:681-93.
24. Pereira LDC. O recém-nascido de mãe adolescente (tese). Florianópolis: UFSC; 2002.
25. Roth J, Hendrichson J, Schilling M, Stowell DW. The risk of teen mothers having low weight babies: implications of recent medical research for school health personnel. *Journal of School Health* 1998;69:271-75.
26. Pereira MG. Variáveis relativas às pessoas. In: Pereira MG. *Epidemiologia: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000:187-217.
27. Paredes FF, Garcia MAC, Aguirre SF, et al. Características sociofamiliares y morbilidad materno-infantil Del embarazo em adolescentes. *Bol Med Hosp Infant Mex* 1998;55:452-57.
28. Rhein LM, Gensburg KR, Schwarz DF, et al. Teen father participation in child rearing: family perspectives. *J Adolesc Health*. 1997;21:244-52.

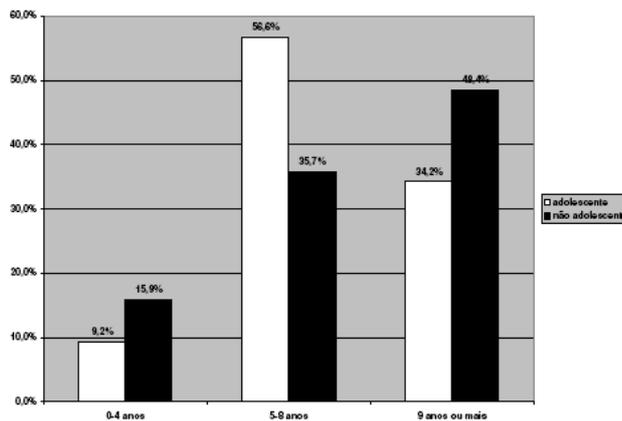
Tabela 1- Distribuição dos pais segundo a idade e características socioeconômicas.

Variáveis	Adolescentes (n=80)		Não adolescentes (n=610)		Valor de p
	n	%	n	%	
Trabalho remunerado					
Sim	66	82,5	562	92,4	0,005
Não	14	17,5	46	7,6	
Renda paterna (SM)					
? 3	56	70,0	304	55,7	<0,001
> 3	5	30,0	242	44,3	
Chefia da família					
Pai	32	40,0	477	78,2	<0,001
Outro	48	60,0	133	21,8	
Escolaridade (anos)					
< 8	39	51,3	214	36,6	0,018
? 8	37	48,7	371	63,4	

Tabela 2- Distribuição dos pais segundo a idade e características psicossociais.

Variáveis	Adolescentes (n=80)		Não adolescentes (n=610)		Valor de p
	n	%	n	%	
Abandono escolar					
Sim	51	66,2	347	58,9	0,260
Não	26	33,8	242	41,1	
Motivo do abandono escolar					
Trabalho	27	65,9	194	65,3	-
Vontade própria	11	26,8	76	25,6	
Expulsão da escola	1	2,4	2	0,7	
Outro	2	4,0	25	8,4	
Reação paterna à gestação					
Indiferente / Não gostou	16	20,3	109	18,0	0,730
Contente	63	79,7	498	82,0	
Apoio paterno à gestação					
Pouco / Nenhum	6	7,6	47	7,7	0,840
Muito / Mais ou menos	73	92,4	563	92,3	

Gráfico 1- Distribuição dos pais segundo idade e anos de escolaridade.



Endereço para Correspondência:

Juliana Matos Schelemberg
 Rua Rafael Bandeira, 319, apto.101, Centro,
 Florianópolis, SC.
 E-mail: jjulims@yahoo.com.br